

Michel Laub. *Passeio com o gigante*. São Paulo: Companhia das Letras, 2024. 160p.

Romance mais recente de Michel Laub, *Passeio com o gigante*, lançado em 2024, se assemelha a um jogo de armar feito de paradoxos, no qual cada elemento se conecta aos demais produzindo, não soluções, mas perguntas cada vez mais complexas. Quais seriam os possíveis efeitos caso um povo historicamente perseguido e vitimizado como os judeus decidisse investir no exercício da força e do poder como forma de rebater o antissemitismo que sempre esteve presente em sua história? O que leva um homem supostamente dedicado a causas sociais e de aprimoramento da comunidade a concluir que os objetivos pelos quais trabalha seriam mais bem atendidos se ele de algum modo não apenas se alinhasse, mas ativamente fizesse campanha para um candidato cujo discurso é pautado pelo ódio? Se o motivo é algum trauma pessoal, que tipo de episódio traumático seria necessário para fazer a mesma personagem mudar de ideia? E aliás, deveria ela mudar de ideia ou mesmo se sentir culpada pelo que, no fim das contas, é o exercício de uma prerrogativa política comum a qualquer pessoa?

Passeio com o Gigante se estrutura em duas narrativas alternadas. A primeira flagra o advogado, empresário e ativista judeu Davi Rieselman proferindo um discurso em fevereiro de 2018 na sede da seguradora que é o centro de sua fortuna, em um banquete dedicado a angariar fundos e apoio político para a candidatura de um presidente que viria a ser eleito naquele mesmo ano (no livro, o nome não é mencionado, mas tudo leva a crer que é o mesmo que ganhou as eleições de 2018 no nosso mundo extraliterário).

Nesse discurso que repassa sua vida e suas ideias, Davi orgulhosamente explica sua visão de um Israel forte e temido, impondo-se à força e exercendo quando necessário um poder brutal e coercitivo. A única saída para o povo judeu se contrapor ao antissemitismo deveria ser a de imposição da força e do exercício de poder.

Embora este resenhista não tenha topado com nenhuma declaração de Laub reconhecendo a inspiração direta, é interessante notar que o recurso de um discurso de

palco usado para repassar a vida de um protagonista judeu foi também usado por David Grossmann para dar forma a *O Inferno dos Outros* (2017), estruturado como um show de stand-up de um comediante judeu. Talvez o fato de, em *Passeio com o Gigante*, o protagonista compartilhar o mesmo nome de Grossmann seja um aceno comprobatório dessa conexão entre as duas obras.

A segunda vertente da narrativa flagra Davi nos corredores e alas de um hospital, em uma sequência entre o sonho e o delírio na qual a personagem é confrontada com um misterioso coro que a coloca diante de figuras de seu passado, amigos, a mulher, a mãe, a filha. Esse desfile de personagens que inclui também vozes de grandes artistas e personalidades da história judaica exige que Davi faça um exame de consciência sobre suas escolhas, principalmente aquela que ajudou a levar ao poder o homem menos adequado possível para estar à frente do país quando este é atingido pela pior pandemia em cem anos. A pandemia não é um elemento aleatório, mas um ponto central do livro, já que um episódio crucial e traumático se processará na narrativa em decorrência dela. E é em parte devido a esse acontecimento em particular que Davi está sendo chamado a se justificar e a justificar suas ações no teatro de vozes em sua cabeça.

Como Laub tornou comum em seus livros, as surpresas oferecidas pela narrativa advêm de uma prosa que se tornou característica, uma narração em espiral, em que retornos a pontos já mencionados anteriormente acrescentam a cada vez um elemento adicional que havia sido ignorado ou negligenciado. Aplicado a vozes em primeira pessoa, esse método narrativo de idas e vindas reticentes no tempo se mostra bastante eficaz para dar voz a indivíduos recalcitrantes, que tateiam ao redor dos próprios motivos para sonegar informações em um primeiro momento e entregá-la em um momento posterior, muitas vezes como um desabafo ou uma admissão de culpa, recompondo no processo o entendimento que se havia formado até então da narrativa.

Em *Passeio com o Gigante* alguns desses elementos dizem respeito a fatos e circunstâncias envolvendo primeiro a mulher do protagonista, Lia, com quem Davi começa a namorar ainda na faculdade, e finalmente Dana, sua filha. A força da obra vem do confronto entre a instância do discurso de Davi diante de seus amigos e clientes, compondo uma narrativa ensaiada e planejada para sustentar imagens e reputações, e o debate áspero entre Davi e o “coro de vozes” de seu delírio, o qual coloca em pauta as

reais motivações por trás dos eventos que Davi narrou com uma retórica ágil e envolvente no banquete anos antes.

O relacionamento de Davi com Lia, por exemplo, é fruto de uma paixão real, mas o quanto essa paixão teria cegado o jovem ambicioso, mas de origem pobre Davi para as oportunidades que se desdobrariam à sua frente ao casar-se com a filha de um homem muito rico, o “velho Uri”?

Apesar de sua prosa labiríntica e circular, boa parte da literatura de Michel Laub é sobre tentativas quase maníacas de desdobrar consequências e estabelecer relações de causa e efeito entre eventos aparentemente sem nenhuma conexão. O narrador de *Diário da Queda*, investigando o trauma do genocídio judeu durante a II Guerra, vê paralelos entre uma ação particularmente repreensível na qual tomou parte, ferindo um colega de escola, e a personalidade esquiva e talvez maldosa de seu avô, um homem que não se tornou uma pessoa melhor apesar de sobreviver ao horror dos campos nazistas. Em *Solução de Dois Estados*, um casal de irmãos vivendo em um Brasil polarizado, Alexandre, um empresário paulista acusado de reunir uma milícia fanatizada sob a fachada de uma rede de academias, e Raquel, artista e ativista de esquerda radical, discutem os antecedentes e as causas subliminares em volta de um fato incontestável: durante uma performance artística em um seminário sobre igualdade de gênero, Raquel foi brutalmente agredida com uma barra de ferro por um homem que mantinha relação de amizade com Alexandre no passado.

Não é diferente em *Passeio com o Gigante*, no qual as duas dimensões da narrativa retornam de modo periclitante a três ou quatro pontos fundamentais que, um desembocando no outro, constroem a teia de relações que sustenta o romance e que leva do pedido de apoio confiante de Davi a Bolsonaro em 2018 ao momento de seu julgamento onírico anos depois. O primeiro desses momentos é uma tarde em 1995 na qual, sentado ao lado do sogro, vê na TV a notícia do assassinato de Yitzhak Rabin pelo fanático Yigal Amir. É quando o futuro sogro de Davi, o “velho Uri”, manifesta sua satisfação com o crime, rotulando Rabin de “Judas de Israel”, e Davi não discorda, deixando sua concordância implícita com um “pois é”.

Será esse o início da adesão de Davi a algumas das visões mais radicais de seu sogro, como a necessidade de força para a manutenção de Israel e a admiração por uma proposta de transformação política e social chamada Judaísmo Musculoso, advogada pelo boxeador americano profissional (e judeu) Benny Leonard. Leonard, personagem real, defendia que os judeus não prevaleceriam com as ferramentas intelectuais que

eram consideradas sua verdadeira força, mas sim treinando corpo e mente para se tornar fortes de fato e reagir às perseguições contínuas por meio da truculência, se necessário.

O mundo virou de ponta-cabeça tantas vezes, mas ninguém aqui tem medo de amarrar o sapato. Quem garantiu isso, o judeu de óculos no gueto ou o boxeador *Benny Leonard*? A bandeira branca de *Woody Allen* e *Steven Spielberg* ou a Beretta de *Yigal Amir*, Davi pergunta, provocativo, em discurso.

Dessa adesão de Davi à visão de mundo de seu sogro desdobra-se todo o seu futuro como jovem ativista e líder judeu, o alinhamento às posições de Uri servindo como um passaporte para a posição de herdeiro presumido que ele vem a ocupar de fato após a morte do velho. Essa visão de mundo, abraçada um pouco sem pensar muito e mantida pelo comodismo dos privilégios que vêm com ela, leva Davi a aprimorar o trabalho do sogro, investindo não apenas na empresa, mas em criar um instituto que não apenas financia obras filantrópicas, mas costura apoios e influência políticas nas instâncias de poder. A visão de um futuro no qual, como queria Leonard, os judeus só podem se proteger do antissemitismo em escala global sendo fortes, vai tortuosa, mas inevitavelmente levar à adesão a Bolsonaro e ao apoio político e financeiro a essa candidatura. E esse apoio vai colocar no poder um brucutu irresponsável pronto a agravar o quadro de pandemia que vai destruir parte da vida de Davi, até ali aparentemente inexpugnável atrás de sua fortuna e da força que exhibe.

Laub também é um autor que vem se especializando em tornar complexas e cheias de camadas personagens que, na letra fria do papel, seriam simplesmente detestáveis. Dos dois irmãos narcisistas de *Solução de Dois Estados* ao esquerdomacho cafajeste de *O Tribunal da Quinta-feira*. Não é diferente aqui, em que o estabelecimento das infáveis causas e efeitos da narrativa é feito na base de um confronto teimoso e ardente entre as vozes do “coro” e o próprio Davi, que retruca, não aceita o enquadramento fácil no papel de culpado e apresenta seus argumentos para o que fez e para as posições que tomou renegando o que considera visões condescendentes e paternalistas:

Eu nunca disse que o grupo que apoiei era santo. Eu nunca fui a favor da morte de graça. Vocês não vão me ouvir elogiando a morte, podem rodar meu discurso quantas vezes quiserem. O que vocês vão ouvir é eu dizendo, existem duas alternativas em dois mil e dezoito. Uma delas oferece um caminho mais seguro para os judeus. Foi só nisso que eu pensei, em nós, mas para o coro eu não tenho direito de pensar em nada fora do estereótipo.

Assim justifica-se ele em uma de suas agressivas respostas aos enquadramentos do coro.

Mesclam-se aqui as características que Laub burilou durante toda a carreira: a narrativa espiralada já mencionada, a alternância de vozes que oferecem não visões complementares, mas opostas, tornando complexa a missão de “escolher um lado”; digressões aparentemente aleatórias sobre temas históricos que pretendem fornecer um quadro geral mais completo aplicável ao contexto da narrativa.

E, no entanto, este quadro não parece levar o romance do fio da navalha ao ápice, e, sim, a uma espécie de despedida. Como se Laub não apenas reavaliasse, mas exorcizasse pela última vez suas obsessões antes de partir para outra coisa. Ponto para o caráter urgente da narrativa, documentando anos ainda muito recentes. Mas o domínio técnico que Laub sempre exibiu de modo exuberante parecia estar em outras vezes a serviço de um maior impacto emocional que aqui parece não existir, apesar de tentativas explícitas envolvendo revelações importantes sobre a filha e a esposa do protagonista.

Carlos André Moreira

Jornalista e Crítico Literário